

O PVO DE AVEIRO

FOLHA DO PVO E PARA O PVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SE-
MESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E ÁFRICA ORIENTAL, 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS — CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL — CADA LINHA 20 RS.
NÚMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NÚ-
MERO 7.

HURRAH PELA CIDADE DE AVEIRO!

Seja-nos, primeiro que tudo, permitido congratular-nos vivamente com todos os cidadãos, com toda a gente honesta, com o povo democrata e patriota de Aveiro, pelo resultado altamente satisfatório e agradável da penitencia em que a nossa terra andava envolvida há perto de seis meses.

As Irmãs da caridade acabam de ser expulsas da pátria de José Estevão. Não se despediram, como falsamente se apregoou para ali. Foram repelidas pela opinião pública; foram escorregadas pelos liberaes da nossa terra. O ministro do reino viu-se obrigado a intimar-lhes ordem de despejo. Embora queiram encobrir esse facto d'altíssima importância política com um acto voluntário das tristes mulhe- res. A verdade é que foram expulsas pela opinião pública; é que foram corridas pela pátria de José Estevão. E, fosse como fosse, o certo é que a nossa bella cidade de Vouga acaba de dar ao paiz um grande exemplo de independência e de liberdade. E que as Irmãs da caridade não permanecem mais no berço natal do grande orador d'este século.

Isso diz tudo. E esse o maior braço de glória da cidade de Aveiro nos últimos tempos. E essa a maior conquista da liberdade sobre a reacção desde que morreu José Estevão.

Assim o comprehende o paiz. Aveiro é hoje alvo das maiores admirações em todo o Portugal. Aveiro deu uma grande idéa de si. Aveiro deu um nobre exemplo de liberdade a toda a nação.

Viva a cidade de Aveiro!
Viva a nossa querida terra!
Viva a Liberdade!
Viva o Povo!

Passemos a falar dos ultimos sucessos.

Nada nos surprehende. Foi tudo natural, naturalissimo. Um ladrão procede assim. Um bandido não tem outra norma de conducta. Um biltre não conhece nem leis de códigos, nem leis de cortezia.

Não estamos tratando com homens. Estamos tratando com as alimarias mais cheias de aleijões, mais cobertas d'ulceras, mais porcas de moscas que à vista humana se teem oferecido. Um homem! Nós chamámos a Manuel Firmino d'Almeida Maia ladrão, bandido calabrez, facelnora repugnante e tudo o mais que elle é. E aquellas faces de cão não têm o mínimo rubor! Nem uma pinta de sangue!

Nós chamámos a Barboza de Magalhães falsificado de cerdões em Vizeu, ladrão en- coberto, culeco sem vergo-

nhia, sem consciencia, sem remorsos. E aquelle pulha passaria despreocupado por ahí, como se não fossem com elle as coisas mais affrontosas que se podem dizer a um homem!

Nós chamámos a José Eduardo d'Almeida Vilhena corretor de prostitutas, alcoviteiro indecente de padres, Zé Forqueta podre, infamíssimo Borgla, e aquelle malandro passa por ao pé de quem lhe arremessa ao rosto com os mais deshonrosos epithetos, e em logar d'erguer a mão altivo para elle, ainda foge covardemente com medo que o esmague.

Bem sabemos, sabe-o toda a gente, que é verdadeiro, profundamente verdadeiro, tudo quanto dizemos d'esses porquissimos malandros. Não lhes fazemos acusações gratuitas. Provamo-las com factos. Entretanto, se ainda assim houvesse n'aquelle misérraveis algum bocado de homens, com certeza que se sentiriam envergonhados e vexados e o seu procedimento não seria tão traíante, tão vil e tão reles. Se fossem homens teriam fugido do meio da sociedade em que tantas infamias fossem conhecidas.

Podia-nos, pois, surprehender o que se deu na eleição da Santa Casa da Misericordia? De modo algum. Um ladrão nunca procede senão como um ladrão. Um assassino é assassino em toda a parte. Um biltre é um biltre sempre. Manuel Firmino d'Almeida Maia foi coerente. José Maria Barboza de Magalhães obedeceu ao seu caracter vil. E toda a companhia dos malandros serviu perfeitamente a causa da infamia e do roubo.

Mas não ha de haver um recurso para isso? Ha, ha um recurso extremo: é a lei de Lynch. E um recurso triste na verdade. E um recurso profundamente lamentavel, ao findar do nosso seculo, quando a civilisação caminha, quando a democracia se firma, quando o progresso é um facto. Mas é o unico, definitivamente o unico.

E o unico, sr. José Luciano de Castro, é o unico por culpa de v. ex.ª Nós temos d'esmigalhar a tiro de rewolver a cabeça do seu infamíssimo delegado em Aveiro, d'esse canalha que não só desonra o nome de v. ex.ª como desonra todo o nome português. Nós temos d'esmigalhar a tiro a cabeça d'esse malandro e de torcer o pescoco ao Trinca Espinhais por culpa de v. ex.ª Ouviu? Por culpa de v. ex.ª, que devendo, ao menos em respeito ao seu proprio nome, ter demitido ha muito esse canalha, que é a coisa mais abjecta que tem boiado no lago das imundícias da sociedade de portuguesa, o conserva impunemente à frente do distrito de Aveiro, para roubar, para proteger assassinos, para espantar a lei, para praticar as

maiores infamias que uma auctoridade jamais praticou n'este paiz.

Um desgracado que rouba uma libra é mettido na Penitenciaria. Un pobre diabo que quebre os queixos a outro vai logo bater com os ossos na cadeia. E meia duzia de malandros que roubam contos e contos de réis, que levam o abuso até metter na cadeia cidadãos inoffensivos, que calcam tudo aos pés, não só vivem impunemente, como premiados e galardoados. Isto pôde ser? Que o digam todos que nos leem.

Se não ha recurso nenhum legal contra essa quadrilha que assola a cidade, que fazer? Cruzar os braços? Deixar-nos roubar, espeinhalar e matar? Nunca! O ladrão recebe-se a tiro na estrada. O assassino mata-se em defesa propria. E um principio rudimentar de luta pela vida. Pois façamos o mesmo com a companhia dos malandros.

O que nós recomendâmos a todos, visto o desprezo a que o sr. ministro do reino nos vota, visto o ladrão e assassino Manuel Firmino d'Almeida Maia ser o pachá d'estas terras, é o seguinte: — A gente mette um rewolver no bolso e á primeira faz saltar os miolos do capitão de ladrões. Ao Trinca Espinhais torce-se-lhe o pescoco. E o Zé Forqueta arrebenta-se com um pontapé na barriga. Desfeita a trempa está desfeita a quadrilha. Podemos ir para a cadeia, para a África, para o inferno. Mas a nossa terra fica livre d'esta praga insuportável, os aveirenses recuperam os seus direitos de cidadãos e os nossos filhos obtem mais uma conquista de liberdade e de progresso. Matar aquelles ladrões é um acto enorme de benemerencia. Aplicar-se-lhes a lei de Lynch é um serviço d'alta humildade prestado ao paiz.

Nós vamos para a cadeia, mas a historia nos fará justiça.

Para falarmos propriamente do acto eleitoral, começâmos primeiro por publicar os telegrammas que a malandragem dirigiu ao Correio da Noite. São os seguintes:

AVEIRO, 19, às 7 h. e 56 m. da tarde.

Os republicanos e regeneradores, vendo a eleição perdida e já no termo d'ella, fizeram desordem e inutilizaram o auto, chegando a offendêr corporalmente individuos do partido do governo; sendo offensos o conductor de obras públicas, João Honório da Fonseca Regalla e outros da parcialidade republicana e regeneradora. Elles, com uma porção de garotos, fizeram ameaça que cessou com o aparecimento da força. Pertence inteira e completa responsabilidade d'estes actos a oposição ao governo e as instituições. A cidade está em plena paz, dando vivas ao partido progressista, ao governo e ao deputado Barboza de Magalhães.

AVEIRO, 19, às 7 h. e 50 m. da tarde.

Vendo perdida a eleição, a oposição apresentou listas para dentro da urna, guardando a massa.

Eugenheiro Regalla, comandante dos caceteiros, galopinou, abusando oficialmente do cargo. Tu muitos prenderam para caso de derrota. Eleição libertina. Felizmente restaram dezenas a ordinem, porque o movimento foi só de republicanos e regeneradores. Se estes vencessem não haveria disturbios. A cidade está indignada contra os desordens. Vivam à liberdade e ao partido progressista.

Como se vê, os miseráveis não temem emenda nehum. São cada vez mais cynicos, mais desavergonhados, mais infames. Ou o sr. ministro do reino se resolve a demitti-los, a tirar-lhes o mandado, e a opiniao publica acabará de os lançar ao barril do lixo com o mais profundo ódio, ou é indispensavel torcer-lhes o pescoco, esmagar-lhes a cabeça ao voltar d'uma esquina.

Porque não temem remorsos. São eterneamente impenitentes, são incorrigíveis sempre. E, com individuos d'essa natureza, a lei de Lynch, só a lei de Lynch.

Primeiro, tratam n'esses telegrammas desdenhosamente o sr. João Regalla de conductor d'obras públicas. Depois, lá lhe chamam engenheiro por muito favor. O desdem fidalgó já conhecido n'estes gatunos!

Entretanto, o mais não é isso. O mais é o desplante com que os malandros accusam a oposição de ter provocado desordens e arremessado listas para dentro da urna. E a insolencia com que chamam garotos aos milhares de populares que infligiram com as suas manifestações uma lição severa ao governador civil. E o descaramento com que falam nas ovações feitas pela cidade ao ladrão Manuel Firmino.

Falta de vergonha assim é que não ha. Nunca se viu outro atrevimento igual.

Deixem-se de histórias. Torce-se o pescoco ao Trinca Espinhais, arrebenta-se o Zé Forqueta dissoluto, esmaga-se a cabeça do capitão de ladrões e fica tu lo acabado. A cidade descansa e firmam-se de vez as nossas regalias.

O Correio da Manhã relata fielmente os factos como se passaram. Escusamos de repetir o que está dicto. Ei-lo ahí vae:

«Estava a terminar a eleição, era sol posto. Contava a lista da oposição 166 votos. (Os irmãos são 400, mas tinham-se abstido alguns.) Sahiram da urna os tres que nos faltavam. Nesse momento Barboza de Magalhães, deputado por Ovar e já muito conhecido pelas suas violências e escandalosissimas arbitrariedades praticadas no seu círculo, que era o presidente da moeda, ergueu-se a pretexto de que tinha muito calor, e abandonou o seu lugar. Logo que principiou a eleição notou-se que em volta da urna permaneciam uns pescadores das companhias do governador

civil Manuel Firmino, homens de má caráter e estranhos à terra. Esses homens eram em numero de 13 ou 16 e estavam para o que dissesse e viesse. Quando Barboza de Magalhães abandonou a urna, Miguel Ferreira, célebre galopim progressista, atirou um punhal de listas para dentro d'urna, ao mesmo tempo que um filho d'es- galopim lhe deitava a mão. Os

da oposição, que estavam na mesa, e outros, que estavam fora, procuraram salvá-la. Porém cahiram sobre elles os facinoras assalariados que desde o principio se notavam na igreja. Entretanto o dr. Barboza de Magalhães fugia, com o padre Manuel Ferreira, para a sacristia, enquanto a polícia invadia a igreja das sabres desembainhados. Havia já varias cabeças partidas. O chefe d'esquadra, porém, deteve energeticamente a polícia, não a deixando agredir o povo e a luta terminou.

Mas foi pelo ar tudo quanto pertencia à eleição, sendo o Marques Gomes, progressista nogueira lista que Mendes Leite empregou, por ter d'el-e, e que lheus o que se vê, o primeiro que rasgou o que pôde.

O povo saiu para a rua e fez ali uma grande manifestação contra os promotores do conflito.

Accidiu a cavalaria, que ocupou a rua da Costeira e o largo Municipal. A questão era tão sympathetic e tão justa que a cavalaria sentiu repugnancia em atacar o povo, permitindo em silencio e quieta as manifestações.

Continuaram, pois, as manifestações. Nisto saiu o governador civil do edifício do judeu, que é desfrente da igreja da Misericordia, onde se tinha conservado durante a eleição. Foi rebido com uma viva apupada do povo que enchiu as ruas proximas. Julgando alguns populares que o Barboza de Magalhães e Miguel Ferreira saíram pelo lado de traz da Misericordia convergiram para ali e partiram as viaduras do hospital velho.

Foram serenando os animos e pouco depois saíram da Misericordia o governador civil e sua troupe no meio d'uma força desfosa de cavalaria e polícia. A vista d'essa gente produziu uma enorme indignação. A gritaria de morras era espantosa e a apupada geral.

No meio do conflito viu-se um tal José Carrancho, galopim granjola, de punhal levantado e alguns dos guardas costas do Barboza de Magalhães distinguidos golpes de faca, que felizmente não alcançaram ninguém.

O director do Povo de Aveiro escapou por um triz de ser morto com uma formidavel paulada que lhe arremessou um tal Joaquim Santo Thyrso. Joaquim Fontes, republicano, ficou muito ferido.

Finalmente, não houve mortes

devido apenas à energia do chefe de polícia e à atitude pacífica da cavalaria. Se a polícia investe com o povo, ou a cavalaria cárrega, e não foi por vontade do governador civil, mas unicamente porque este homem está tão desrespeitado que não tem forças para fazer cumprir as suas ordens, havia a estas horas grandes desgraças.

A isto temos que acrescentar o seguinte. Os faquistas não eram em número de 10; eram em número de 25, recrutados entre os malandros d'Ovar, que praticavam n'aquelle terra as atrocidades conhecidas. Junto com elles andava um gralhe d'um tal Miguel da Leitoa, da Beira-Mar, que fazia em punho perseguições e outros, que teria esfaqueado se não fôra a valentia e a coragem de Francisco Regalla e Duarte Casaca. Estes dois corajosos cidadãos agarraram d'um banco e enquanto derram nos ossos do facciora, não deram no chão. O facciora teve de fugir em desbandada, d'envolta com os faquistas d'Ovar, o malandro do Miguel Ferreira, o Ladrão do Fernando cego, o bittre do Barboza de Magalhães e o infame do padre Ferreira, que todos fugiram diante do povo como bando de pardas.

Barboza de Magalhães andou aos trambohões pelo chão. Um dos muletas apanhou d'esta vez a verdadeira *aguia forte* pela caeca abaxio. Fernando cego, o covardíssimo canalha, pediu quasi de joelhos que não lhe batesssem.

E, francamente, que nunca fomos mais sinceros do que hoje, o que nós lamentámos é que Barboza de Magalhães, Marques Gomes burro, padre Ferreira e Miguel Ferreira, escapasse de receber n'essa occasião, a valer, o castigo das suas infamias. Que não lhes partissem as costelas. Está visto que pelo direito, pela justiça e pela lei, não ha coisa nenhuma a esperar d'esses homens. Pois então levam-se a pau, já que é a unica maneira de os levar.

Escaparam, embora o Miguel Ferreira sem metade das barbas, mas abri ficam apontados à justiça popular.

As irmãs da caridade também teriam sido vítimas, se muitos dos nossos amigos não impedissem o assalto ao hospital.

O Zé Forqueta, esse, o poltrão do costume, fugiu para a Barrancas da refrega. Porém valeu-lhe o já na vespresa ter sido esbofeteado por um honrado negociante d'esta praça.

Os feridos, e alguns d'importância, são:

Francisco Regalla, João Regalla, Zacharias da Naia, Carlos Melo, Joaquim Fontes, Francisquinho das Notícias e outros. Além d'isso muita tapona e muita amadela de costas.

Já relatámos no numero passado e nos nossos supplementos muitas das violências e corrupções. Hoje só diremos que dos cofres da polícia secreta saiu dinheiro a rodos para comprar eleitores. Houve um que não se quis vender por menos de 10 libras. Foi comprado. Outro pediu cinco. Também lh'as deram.

Miseráveis!

Não temos hoje espaço para tornar salientes as sujidades da sentina da Vera Cruz. Ficará para domingo.

O pedestal da estatua de José Estevão apareceu na quinta feira cheio de trofeus de bandeiras, ramos de flores, coroas de louro, etc, cuja ornamentação ainda se conserva. Em volta lêem-se vários disticos: — *José Estevão — Viva a Liberdade*. Uma idéa feliçissima, cheia de mimo e de poesia!

Ganhou-se — alia. Rufam

os tambores em sinal de alegria no campo da liberdade. Os clarins entoam hymnos de victoria. E o exército inimigo arrasta as suas bandeiras pela lama na precipitação da derrota!

Sim, pela faixa. Que é feito das vossas prosapias, miseráveis? Apregoaveis aos quatro ventos da terra que venceréis as eleições por enorme maioria e perdestes! Affirmaveis a todo o mundo que as irmãs da caridade não sahiriam porque vós não queríeis, e ei-las expulsas para sempre da heroica cidade de Aveiro.

Que é feito das vossas prosapias, miseráveis? Tudo perdestes. Perdestes as eleições, perdestes as *marias*, perdestes o *mano*, que também leva o diabo d'aqui para fora, e até perdestes o governador civil. Até o governador civil, no! Porque Manuel Firmo d'Almeida Maia ha de ser necessariamente demitido do cargo que exerce. Necessariamente! Repara n'aquilo que vos estamos dizendo.

Eis a que foi dar a prosapia dos malandros! Eis em que acabou a celebre questão das irmãs da caridade!

E fique o povo sabendo a força de que dispõe quando a quer empregar. No domingo nos congratularemos mais detidamente com elle pelo nosso triunfo. Mas hoje, como no princípio, não cessaremos de gritar:

Hurrah pela cidade de Aveiro! Viva o povo!

QUESTÃO DE AVEIRO

E A IMPRENSA DE LISBOA

Para que os habitantes de Aveiro vejam como é encarada lá fora a nobilíssima questão que tão dignamente, pelo lado dos liberaes, é sustentada na nossa terra, e o juizo que se faz d'esse ladrão vil que se chama Manuel Firmo d'Almeida Maia, servido pelos infames Barboza de Magalhães, Vilhena e outros, passámos a transcrever varios artigos dos jornaes de Lisboa.

O Dia, jornal progressista, de quarta-feira 19:

José Estevão e as Irmãs da Caridade

Aquella estatua de José Estevão, que no recinto da Exposição Industrial está fazendo o seu noviciado de monumento, foi condenada pela política dos patrícios do grande orador a esperar, de pé e na modesta condição de obra d'arte, que se resolva um pleito que traz Aveiro inflammando em cóleras. A comissão aveirense que a mandou modelar e fundir, resolveu não a inaugurar enquanto se conservarem no hospital da Misericordia da cidade umas irmãs da caridade, que lá foram introduzidas recentemente pela comissão que administra este estabelecimento pio, porque considera a presença d'essas mulheres como um desacato à memoria do tribuno, que a vergastadas de eloquencia ajudou a expulsar das escolas portuguezas a milicia feminina da reacção religiosa.

A comissão resolveu bem. O culto sincero dos aveirenses pelo seu illustre patrício repelle logicamente os institutos que a sua palavra fogosa repelliu. O seu nome e a sua popularidade ficaram vinculados a chamada *questão das Irmãs da Caridade*; quem não pensar como elle n'essa questão só poderá admirar-o como artista, lastimando ainda assim as impías aberrações do seu talento, e não se modelam em bronze os corpos cujas almas... devem estar penando no inferno. Não se pôde separar a memoria de José Estevão da sua propaganda liberal, nem isolar as irmãs da caridade dos manejos reacionários e que são instrumentos pacientes ou inconscientes; aceitai-as, pois,

ou com o labou que principalmente lhes infligiu o protesto do grande orador, ou como victimas inocentes da injustiça d'esse protesto, foi de todo o modo affrontar a veneração dos aveirenses pelo seu mais illustre conterraneo. Aveiro devia ser a ultima terra do paiz a pedir o auxilio d'essas criaturas, deimais a mais estrangeiras, para os serviços hospitalares; e não sendo esse auxilio necessário, porque em nenhum ponto do paiz faltaram a enfermos dissellos de mulheres portuguezas, a innovação de reclamado prestou-se a ser considerada como um capricho acintoso, que, coincidindo com os trabalhos para a ereção d'um monumento a José Estevão, devia naturalmente ser sentido pelas susceptibilidades liberaes como uma censura indirecta a esse preito de admiração e reconhecimento. Assistindo á inauguração da estatua, a reacção religiosa diria, com una ufania affrontosa, apontando para o hospital: «Tambem ali tenho as minhas estatua, vivas!»

Mas esta questão, realmente melindrosa, nasceu d'outra, de corrilhos, em que,—com pezar o dizemos,—não coube aos progressistas o papel mais sympathetico. A politica local, que tantas vezes compromete os governos a pretexto de servil-los, e enxovalha as bandeiras dos partidos com que acoberta mesquinhas paixões pessoais; a politica local, que costuma profanar a beneficencia e afé a religião, tomado nas mãos os pendões das misericordias e vestindo as opas das confrarias para vender benefícios por proselytismos e trocar indulgencias e missas por votos eleitoraes; a politica local, tendo querido entregue às mãos dos progressistas a direcção da Santa Casa de Aveiro, havia-lhe imposto, por processos que dizem de dívidosa legalidade, a gerencia d'uma comissão nomeada pelas autoridades; e logo sucedeu ser essa comissão aquela que entendeu que os enfermos pereceriam, talvez, no hospital a mingua de cuidados se não tivessem por enfermeiras irmãs da caridade. Portanto, os antagonismos políticos, as luctas entre ministerias e oposição, associaram-se aos escrupulos do liberalismo e aos melindres da veneração por José Estevão para agravarem e acirrarem a contenda relativa á admissão das hospitalaireas. A oposição á gerencia da Misericordia, a oposição ao governador civil e a oposição ao governo, todas reunidas, fizeram baluartes do monumento e da memoria do grande orador, fizeram pedra de escândalo do caso da Misericordia, e como o sr. ministro do reino cruzasse os braços, toda a vida publica é toda a agitação politica de Aveiro vieram a concentrar-se n'uma lucta para a eleição, —que hoje se deve ter realizado, —da meia d'esse estabelecimento pio, tornado campo de batalha onde, segundo consta, se tem combatido n'um assanhado corpo a corpo de intrigas, de corrupções, de pressões e de violências.

Do resultado da eleição é que depende o destino da estatua; que além está, serena como a immortalidade de José Estevão, a ameaçar a Exposição inteira com o seu vulto colossal. Se vencer a oposição, oposição da confraria e da politica, serão expulsas as irmãs da caridade da Misericordia, e subirá a estatua, ovante, para o seu pedestal; se vencerem os ministerias, ficarão as irmãs da caridade, e a estatua... a estatua será porventura excluída de Aveiro e do monumento? ficará esperando, em algum museu ou officina, que uma mudança de situação politica mude o governador civil de Aveiro, que a mudança d'esse funcionario faça mudar a administracão da Misericordia, que a mudança d'essa administracão mude as enfermeiras do hospital? Não sabemos! Sabemos só que

isso a que cá na terra se chama politica tem singulares aberrações e espantosas mesquinharias! O que não diria José Estevão, se ressuscitasse, sabendo de que homens e de que coisas está dependente o pagamento da dívida, dívida enorme, dos seus patriotas? Se a boca entreaberta da sua estatua se animasse e o braço estendido se movesse, por certo que haveria hoje, em Aveiro e fora de Aveiro, muitas estatua, — mas estatua de medo, de confusão e de vergonha!

Os Debates, de quarta-feira 19:

As Irmãs da Caridade em Aveiro

A eleição da mesa da Misericordia — Violências dos agentes do governo.

E' hoje que em Aveiro se realiza a eleição da mesa da Misericordia, e que portanto deve ficar resolvida a grave questão suscitada pela permanência das irmãs da caridade no hospital de Aveiro, onde estão affrontando insolentemente a memoria sagrada do eloquente tribuno, do grande servitor da causa democratica, que em vida se chamon José Estevão.

Cumpria ao governo dar as ordens mais terminantes para que esta eleição se fizesse com toda a seriedade, a fim de que na urna vencesse a opinião da maioria dos irmãos.

Pois não contentes em praticarem os actos menos dignos de pressão sobre a consciencia dos irmãos, os agentes do governo, capitaneados pelo chefe do distrito de Aveiro, que tanto se ha desautorizado com os seus abusos, tem praticado as mais escandalosas violências e fraudes.

Apesar de todas as vergonhas praticadas em Aveiro para se arrancar a victoria aos adversarios das irmãs da caridade e do governador civil, espera-se que triunque a lista que os agentes do sr. José Luciano combatem.

Oxalá que assim seja.

Resolve-se hoje em Aveiro um pleito que não pode deixar de interessar todos os liberaes e em especial o partido republicano, que n'aquelle cidade iniciou o movimento que parece vae ter agora um epílogo verdadeiramente digno.

Expulsas do hospital d'aquele cidade as irmãs da caridade, a reacção apanha um cheque formidável, que todos devemos registar com prazer. E' para desejar que os liberaes de todo o paiz sigam o brilhante exemplo que, estamos certos, vão dar os liberaes aveirenses.

Estamos certos, dizemos nós...

Graves seriam as consequências d'uma victoria para a reacção, obtida por meios indignos.

Idem, de quinta-feira 20:

A eleição da mesa da Misericordia de Aveiro

Alteração da ordem Demissão do governador civil

Contando o que se está passando em Aveiro com a inauguração da estatua de José Estevão, dizíamos hontem:

E' possivel que nos enganemos, e oxalá que assim aconteça, mas com a exaltação de animos que existe em Aveiro, e com as autoridades absolutamente desprestigiadas que alli tem o governo, receciamo dentro em muito pouco tempo, ter a lamentar graves desgraças.

E o criado de tudo será o sr. José Luciano, que parece andar com vontade de mais fusilamentos providenciais.

Idem, de quinta-feira 20:

A eleição da mesa da Misericordia de Aveiro

Deve ter-se realizado em Aveiro a eleição da mesa da Misericordia.

Pedimos para aquella cidade informações telegraphicas acerca do resultado d'essa importante eleição da qual depende a permanencia ou a expulsão das irmãs da caridade no hospital aveirense e a solução d'um conflito que atinge extremas proporções de gravidade.

A hora em que escrevemos ainda não nos chegaram informações.

Por uma carta particular que hontem d'affi recebemos, julgamos, porém, poder afirmar com toda a segurança que venceu a lista da oposição liberal e que portanto as irmãs da caridade serão expulsas do hospital e a estatua do grande José Estevão irá dentro em pouco para Aveiro a fim de ser collocada no seu pedestal ainda ba pouco coberto de crepe.

Sendo assim, a reacção religiosa e o partido progressista sofre-

ram um choque formidável em Aveiro.

Aguardamos a confirmação do que dizemos para mais largamente fallarmos das peripécias curiosissimas d'esta eleição.

Correio da Manhã, de quarta-feira 19:

A estatua de José Estevão

Como se sabe, a estatua do grande orador não foi nem será inaugurada em Aveiro, enquanto no hospital da cidade se conservarem as irmãs da caridade.

Convém, porém, aos amigos do sr. presidente do conselho fazer acreditar que a razão porque o monumento se não inaugurou é a estatua não estar prompta.

O Poco de Aveiro, aos que tues boatos andam espalhando, responde:

Mentis, covardissimos vilões. Para onde e para quem julgues que escreves, se todo o mundo vos conhece em Aveiro? A estatua de José Estevão não foi inaugurada por causa das irmãs da caridade, nem o sera em quanto elas não sahirem de Aveiro. Sempre estivemos autorizados a declarar-o. A estatua está prompta, e tanto que lá ostenta os seus primores na exposição industrial de Lisboa, onde é alvo das maiores admirações. Foi para a exposição e não veio logo para Aveiro por se ter resolvido não a inaugurar por em quanto. D'outra forma já estaria entre nós e no largo municipal, exposta ao respeito de estranhos, a attestar a gratidão e a gloria de um povo.

Não foi inaugurada, nem o sera, enquanto não sahirem de Aveiro as irmãs da caridade. Ficae n'isto. E, se não querem, arranjao-nos noua declaração em contrario da benemerita comissão que promove a inauguração do monumento. Desafiamos-vos a isso.

E' possivel que nos enganemos, e oxalá que assim aconteça, mas com a exaltação de animos que existe em Aveiro, e com as autoridades absolutamente desprestigiadas que alli tem o governo, receciamo dentro em muito pouco tempo, ter a lamentar graves desgraças.

E o criado de tudo será o sr. José Luciano, que parece andar com vontade de mais fusilamentos providenciais.

Idem, de quinta-feira 20:

A eleição da mesa da Misericordia de Aveiro

Alteração da ordem Demissão do governador civil

Contando o que se está passando em Aveiro com a inauguração da estatua de José Estevão, dizíamos hontem:

E' possivel que nos enganemos, e oxalá que assim aconteça, mas com a exaltação de animos que existe em Aveiro, e com as autoridades absolutamente desprestigiadas que alli tem o governo, receciamo dentro em muito pouco tempo, ter a lamentar graves desgraças.

Por em quanto ainda não temos a lamentar graves desgraças, mas para lá caminhamos, como se vê do seguinte telegramma que acabamos de receber e que demonstra como as autoridades do sr. presidente do conselho procuram por todos os modos levantar conflitos com o povo.

Viu-se hontem, na eleição da Misericordia. Se o sangue não correu, se os soldados à ordem do governador civil não tiveram occasião de fusilar providencialmente o povo, deve-se isto à prudencia da oposição, cujo procedimento é digno dos maiores elogios, como são credores das maiores censuras os caceteiros do chefe do distrito.

Segundo de quinta-feira 20:

As Irmãs da Caridade em Aveiro

A eleição da Misericordia. — Graves conflitos. — Agitacao na cidade.

Realisou-se hontem em Aveiro a eleição da mesa da Misericordia.

Pelos telegrammas que abaixo inserimos, deprehende-se que vencemos a eleição, não obstante termos as autoridades us-

or voto a todas as propriedades e rêm, a culpa das autoridades ou dos ministérios é sempre mais ceasurável, porque é a elles que compete manterem a legalidade e a ordem. O governo civil e os seus adeptos fulminaram a coligação desse o princípio da questão em maior terreno, e é de crer que detinham esse maior terreno com muitos processos de combate. Para se justificarem, precisavam vencer; é, pois, de prestar que quizessem vencer a torto ou a direito. Como, porém, o ministério e o partido progressista não se podem considerar comprometidos nas contendas da Misericórdia d'Aveiro, nem altamente interessados na eleição da sua meia, esperamos que o bom senso do sr. ministro do reino faça entrar na ordem, — e a ordem é o cumprimento da lei e o respeito a todos os direitos, — a Bulgária do Vouga, prohibindo-lhe perturbar com o desentramento das suas paixões exclusivistas e o estreito das suas batalhas sujas a paz pública da política. Pede-se à dedicação partidária dos progressistas aveirenses que prefira os ovos molles ao mexilhão!»

Ilem:

A eleição da Misericórdia de Aveiro

Depois de escrito o nosso artigo editorial, colhemos informações que nos permitem supor que a responsabilidade dos acontecimentos, que perturbaram a eleição da Misericórdia d'Aveiro, cabe toda aos amigos do governador civil e da comissão administrativa.

Dão-n'ho a entender, em primeiro lugar, os telegrammas publicados pelos jornais da manhã.

Não querendo nós fazer obra por notícias evidentemente marcadas com o cunho da oposição, telegraphámos para Aveiro a um cego de lá, isto é, a um amigo do governador civil, pedindo esclarecimentos; mas apenas obtivemos esta resposta:

AVEIRO, 20, às 12 h.e 2 m. da t.—Ganhavam progressistas. Oposição provocou desordens.—X.

Não nos satisfez esta resposta d'um laconismo suspeito. Evidentemente cada um dos grupos atribuia a si o vencimento da eleição, e ao outro a responsabilidade das desordens. Quem teria razão?

Tirou-nos das duvidas um cavalheiro que esta manhã chegou d'Aveiro, e que hontem presenciou os acontecimentos. O seu depoimento, que temos por fidedigno, é o seguinte:

A votação correu vigiada por ambas as parcialidades. Ambas diziam que venceriam, mas supunha-se geralmente que a oposição ganharia, embora por poucos votos. No fim da votação, um amigo do governador civil lançou dentro da urna um masso de listas. Eleitores contrários correram sobre elle e sobre a meia para impedir a falsificação, mas foram atacados por um magote de gente do mar, parcial da auctoridade. Empenhou-se luta, a urna tombou, espalharam-se listas, e alguns ministérios desataram a rasgar nelas. Parte do povo que estava na igreja prorompeu em murras ao governador civil.

A polícia entrou então no templo de sabres desembainhados, mas por ordem do seu chefe procedeu com muita cordura, não maltratando ninguém, e limitando-se a pôr cobro à desordem e dispersar a multidão. Entretanto, conhecidos já fôra os acontecimentos, a agitação propagou-se e formaram-se grupos clamando contra a autoridade. Sahiu então a cavalaria, mas também não praticou a menor violencia, cingindo-se a evitar com a sua presença maiores desordens.

Ao que dizem os telegrammas, a eleição da meia da Misericórdia d'Aveiro, essa eleição de que dependiam as questões das irmãs da caridade e da inauguração do momento de José Estevão, foi tumultuaria e escandalosa. Por culpa de quem? Julgamos fazer justiça aos contendores supondo que por culpa d'uns e outros. Em tais conflitos, po-

estavam agitados. Amanhã há de chegar a Lisboa uma grande comissão, que vem pedir providências ao sr. ministro do reino contra os abusos de auctoridade.

Faremos estas informações por absolutamente verídicas, — ao menos enquanto nós não provarmos o contrário. O que se deduz d'elas é que a gente do governador civil, julgado perdida a eleição, recorreu ao velho estratagema de a fazer anular, lançando claramente um masso de listas na urna para provocar desordem.

E conseguiram o seu fim.

Crêmos, porém, que o sr. ministro do reino não sancionará, com a sua aprovação ou a sua tolerância, semelhante procedimento, indigno do partido progressista.

Hontem à noite apareceram illuminados muitos edifícios da cidade e as redações do *Distrito de Aveiro*, *Correio de Aveiro* e *Povo de Aveiro*, em sinal de regozijo pela saída das irmãs da caridade do hospital da Misericórdia.

Vae grande contentamento na cidade.

Foi hontem de manhã profusamente distribuído pela cidade o seguinte:

AVEIRENSES!

As irmãs da caridade acabam de sair do nosso hospital, em consequência de ordem do sr. ministro do reino.

Pretenderá o governo resolver assim a questão que agita Aveiro?

Se o pretende, esta solução é extemporânea.

Ha cinco meses satisfazia: hoje não!

O attentado praticado na ultima quarta-feira pelo **secretario de corpo de polícia, agente e familiar do sr. governador civil**:

attentado que os **partidários** do sr. governador civil planearam friamente no remanso do gabinete;

attentado, cuja execução foi favorecida pelo **sr. Barboza de Magalhães**, genro do sr. governador civil e presidente da meça da assembleia eleitoral, pelo sr. Barboza de Magalhães que no momento do crime estava conversando com o criminoso;

attentado que foi protegido por **sícaros escolhidos na campanha de pesca do sr. governador civil**; torna esta auctoridade incompatível com uma cidade briosa e liberal, como Aveiro.

A única solução possível é a **demissão do sr. governador civil**. Sem ella não teremos segurança para as nossas pessoas e para as nossas famílias!

Não temos garantias para a nossa liberdade individual!

Não temos na cidade e no distrito uma administração correcta, justa, imparcial!

Quem acobertou os crimes de Gavar, queijui por perseguição política feteve arbitrarialmente prego, durante nove meses, na cadeia d'esta cidade, um surdo-mudo, quem atentou contra as nossas vidas e a nossa liberdade de eleitores, como na eleição da Misericórdia, quem planeou e mandou executar aquelle infame crime e veio depois no jornal de que é proprietário, imputa-l-o a adversários energicos, mas leaes, não pôde conservar-se n'um cargo que obriga a proteger os nossos direitos, a fazer justiça às nossas reclamações, a dar segurança às nossas pessoas, a garantir as liberdades que a carta constitucional e as leis do país nos concedem.

A eleição da Misericórdia precisa de ser repetida porque os partidários do sr. governador civil, os seus mais íntimos parentes e os que sobrinamente apoiam a sua auctoridade.

A noite havia completo sobrego na cidade, agências os quatro

imobilisaram infamemente a victoria!

Quem pôde afirmar que na futura eleição se não repetiria o atentado infamissimo?

Nestes termos, Aveirenses, a retirada das irmãs da caridade não resolve a questão.

Su a retirada do sr. governador civil pôde trazer socorro à cidade, ordem, correção, justiça, imparcialidade e moralidade à administração da cidade e do distrito.

Brevemente parte a comissão do partido liberal que vai dirigir ao sr. ministro do reino a demissão do seu delegado.

O sr. ministro ha de atender-nos.

Confiamos na justiça das nossas reclamações, e entretanto continuemos a gritar:

Abaixo o governador civil!

Viva a Liberdade!

Viva a Pátria!

Viva a cidade e o distrito de Aveiro!

Manuel Gonçalves de Figueiredo.

João Pedro Soares.

José Gonçalves Moreira.

Manuel Homem de G. Christo.

Recebemos os seguintes telegrammas:

LISBOA, 21, A'S 12 H. E 25 M. DA TARDE

(Redacção do Povo de Aveiro)

A comissão anti-jesuitica, reunida nos paços do concelho, consignou um voto de aplauso e adesão à energia e tenacidade dos liberaes de Aveiro. Comunico este voto em virtude de resolução tomada na mesma sessão.

O presidente, Isidoro Branco.

FIGUEIRA, 21, A'S 2 H. E 35 M. DA TARDE

(Redacção do Povo de Aveiro)

Felicito-os entusiasticamente pela victoria alcançada.

Arriaga.

CHAVES, 22, A'S 10 H. E 40 M. DA MANHÃ

(Redacção do Povo de Aveiro)

A redacção congratula-se com os liberaes aveirenses pelos bons resultados da sua campanha contra os ultramontanos.

A redacção.

Partiu hontem à tarde para a Figueira a grande comissão liberal, que vai pedir ao sr. ministro do reino a imediata demissão do governador civil.

A comissão regressa a Aveiro talvez hoje à noite.

O que ha dias se está passando em Aveiro é quasi inacreditável. A polícia anda desaforada, praticando toda a casta de arbitrariedade e chegando mesmo a provocar confrontos pacíficos, nomeadamente pelo fiscal dos zeladores da canaria, um bruto-mítico que é parente do governador civil e que anda por ahí com ares de pachá.

Como o governador civil os censurou por não prestarem nenhuma na quarta-feira, os homens que tem agora desfilar-se, pelo que se vê.

Na quinta-feira à noite o cabo graduado n.º 42, acompanhado de outros guardas, provocou quatro cidadãos que passeavam muito pacificamente nos Balcões, naturalmente pelo facto de não pertencerem à quadrilha dos ciganos e um deles cantar em voz baixa. O tal cabo, de quem se contam grandes façanhas, chegou mesmo a ameaçá-los com punhada, sem elles terem feito — note-se bem — a mais insignificante coisa. Isto é inaudito!

Temos em nosso poder um comunicado, que trazemos de publicar no domínio por nos faltar hoje o espaço, em que se relatam tolas as peripécias que se dão. Os leitores não de ferro devem passar do que as autoridades estão praticando nestas

terras, em que por ora governa o sr. Manuel Firmino.

Ante-hontem à noite novas patifarias. A polícia prendeu o conhecido Ivo, verdadeiro de jornaes, e apreendeu-lhe os exemplares do *Correio da Manhã* e *Diário Ilustrado*. Segundo as informações que colhemos, o pobre rapaz foi torto sem dolo e ainda por cima lhe parlaram a cabeça. Misericórdia! E sabem porque? Per elle andar a apregoar o primeiro de aquelles jornaes, que tem publicado excellentes artigos contra a corja que roubou a eleição da Misericórdia! Saiba-se isto lá fôra.

Em frente da cadeia reuniu-se muito povo, que estava indignado com esta patifaria. O chefe de esquadra mandou então dispersar os populares, ficando apenas no largo alguns grupos a conversar muito sozegadamente. D'ali a pouco chegava uma força de cavalaria, e então a polícia, de cavalaria em punho, saiu da esquadra a correr, dando empurros em todas as pessoas para que se retirasse e ameaçando com a coronha da arma as que não lhe obedeciam de prompto. Um verdadeiro desafôro!

Mas para que diabo fizeram levantar os pobres soldados da cama, se não havia barulho nenhum e tudo estava sossegado?

Pasmae, ó lusa gente!

E aqui está o que se passa em Aveiro. Por acaso voltarão ao tempo do feudalismo? Isto é impossível e não pôde continuar assim, alias temos a lamentar qualquer dia alguma grande desgraça.

O serviço da polícia é detestável. Alguns guardas à paisana, caras desconhecidas, vindos armados de cacetete e leiem o alremamento de se aproximar das pessoas a ouvir o que se diz.

Repetimos: este estado de coisas é impossível e urge que o sr. ministro do reino lhe ponha termo sem demora.

VINHO PARA VENDER

Ha numero superior a 300 almoços na adega de M. F. Simões, da freguesia da Pálhaca; a qualidade fará o preço de 20 litros.

Contra a debilidade

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferrugínea, da Farmacia Franco, Filhos, por se acharem legítimamente autorizados.

Publicações literárias

Curso clássico de poetas portugueses

U NICA selecção elaborada segundo os programas oficiais aprovados por portaria de 5 de outubro de 1871 e 19 de novembro de 1886, para uso das cadeiras de literatura portuguesa, tendo ampliado com numerosas notas biográficas, gramaticais, bibliográficas, filológicas, geográficas e críticas, por ANTONIO PEREIRA DO AMARAL, profesor de ensino livre, membro de varias sociedades nacionais e estrangeiras e escritor e interprete da estação de saúde do Porto. 1 vol., broch., 600 réis, cartonado, 800 págs.

Livraria Portuense, editora, rua da Almada — Porto.

Anúncios

GENEBA MOREIRA

CHAMA-SE a atenção dos srs. conselheiros para estas qualidades de genebra:

E a mais barata, mais aromática e saborosa é hoje conhecida.

Confia-se a ter acolhimento geral em todo o país tendo sido premiada nas duas últimas exposições portuguesas de 1884 e 1885.

Existe-se a bojija e etiqueta com a matrícula (registrada) de MOREIRA & C. e a rolha com a firma *Mac simile* dos fabricantes.

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA
com
OFFICINA DE SERRALHERIA
EM
A V E I R O

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, caixas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introductera de Artigos especiaes de Norte-America

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

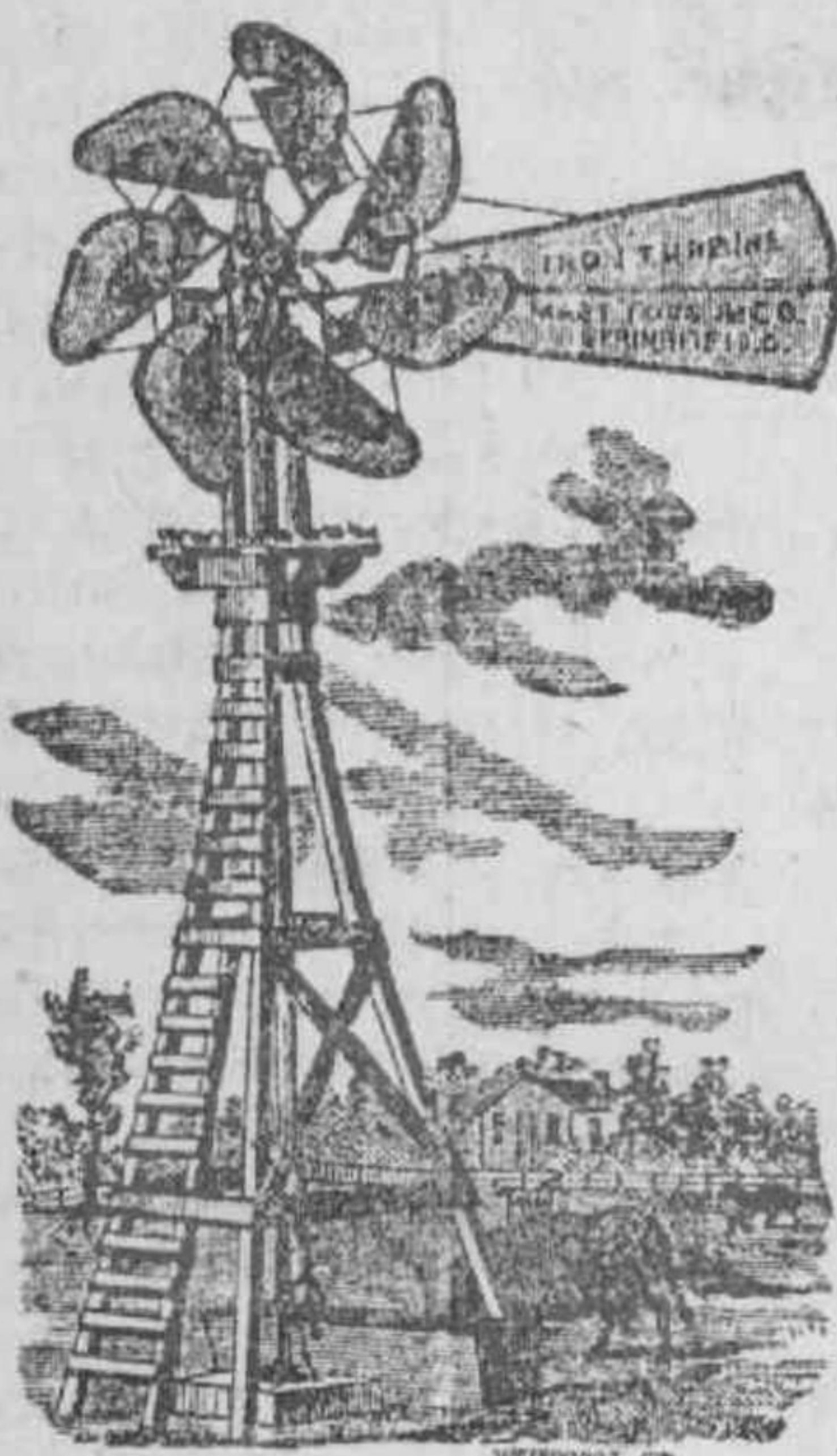
REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNAS &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE TUBOS DE FERRO
sucedidos e pretos para CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha (CAUCHOC).



MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—**TUBBINA DE FERRO**—sistema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Acita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESRIPTORIO, 2.^o andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

A V E I R O

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recomendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações alemaes.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer; por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os alemaes se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER.

O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosissimos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival.

E' a rainha das machinas!

75, Rua de José Estevão, 79
A V E I R O

O P O V O D E A V E I R O

CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveito do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaisquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicas, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belém. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos círculos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pomada Curativa Vegetal

RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais efficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, canceros mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, largo dos Trigueiros, 14, 2.^o, Lisboa.

Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARÁ E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.^a classe a 26\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspodente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO.—O anunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaisquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica comissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-sóis de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes & outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barátissimos.

CAZA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poco, e construída de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo saída para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono Francisco Augusto Buarte,

REMEDIOS DE AYER

Peltoral de cereja de Ayer

—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer

—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD'S

REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um específico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E baratinho porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.º, rua de Mousinho da Silveira, 427, 1.^o, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JENES, para desinfectar casas e latrigas; também é excelente para tirar gordura de no-dos de roupa, limpar metas, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 reis.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hispaniola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido destas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os comerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não podereim vender até a vespera de se efectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000:000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os comerciantes da provicia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licença que nas provincias é de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diário do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA.

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
56 — RUA DO ARSENAL — 64
LISBOA

HOTEL CENTRAL

DE
MANUEL FRANCISCO LEITÃO
RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.